EDUCAÇÃO INFANTIL: DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM PELA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

ZILDA ARAÚJO DA SILVA DIAS

RESUMO:

A educação infantil atualmente se orienta por uma função pedagógica que diante desse contexto, entende-se que essa etapa da educação básica desempenha papel fundamental no processo de ensino da leitura e da escrita das crianças, pois é um processo de construção de conhecimento inerente à infância, não podendo ser ignorado pela instituição escolar. Uma prática pedagógica é uma prática social realizada entre sujeitos, constitui-se na e com a linguagem em todas as suas formas verbais, não verbais, multimodais. O trabalho realizado na pré-escola deve, assim, considerar o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita num processo de inserção no contexto das práticas sociais. A Educação Infantil tem que se preocupar em proporcionar um ambiente alfabetizador, apresentando o mundo letrado através de histórias e imagens, apresentar as vogais, números, noções de grandezas e medidas tudo com uma metodologia lúdica com músicas, brincadeiras de uma maneira agradável que despertam o interesse da criança, mas, jamais exigir que a criança saiba de tudo. A Educação Infantil tem um papel importante a assumir na inserção das crianças na cultura escrita, na formação de leitores e de usuários competentes da linguagem escrita, entendendo esses aspectos como produção de cultura e defendendo o direito das crianças à cultura letrada.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização; Educação Infantil; Letramento.

ABSTRACT

Early childhood education is currently guided by a pedagogical function that, given this context, it is understood that this stage of basic education plays a fundamental role in the teaching process of reading and writing children, as it is a process of knowledge construction inherent to childhood, and cannot be ignored by the school institution. A pedagogical practice is a social practice performed between subjects, constituted in and with language in all its verbal forms, nonverbal, multimodal. The work carried out in preschool should thus consider the development of reading and writing skills in a process of insertion in the context of social practices. Early Childhood Education has to worry about providing a literacy environment, presenting the literate world through stories and images, presenting vowels, numbers, basics and measures all with a playful methodology with music, games in a pleasant way that arouse the interest of the child, but never require the child to know everything. Early childhood education has an important role to play in the insertion of children in written culture, in the formation of readers and competent users of written language, understanding these aspects as culture production and defending the right of children to literate culture.

KEYWORDS: Literacy; Early Childhood Education; Literacy.

1 INTRODUÇÃO

São muitas aprendizagens que estão vinculadas na educação infantil, voltadas para o desenvolvimento da criança e a linguagem tem um papel decisivo, que vai se estendendo em fase consecutivas, e se for bem trabalhado na infância, de modo que envolva ela para o campo social, a criança se alfabetizará facilmente e fará o uso da leitura e da escrita com clareza.

A justificativa do tema surgiu devido a observação que muitas creches e pré-escolas ficam fundamentadas em brincadeiras sem intuito construtivo de alguma aprendizagem, no qual quando se pensa em linguagem, não se pensa somente no aprimoramento da fala, mas tudo que está envolvido no jogo comunicativo.

Deste modo, o trabalho pode oferecer ideias ao pedagogo de que alfabetizar na infância é necessário, mas que isso ocorra de acordo com o universo da criança, respeitando o limite de cada criança, utilizando formas metodológicas de acordo.

Desta forma, como o professor da educação infantil pode atribuir alfabetização e letramento nas suas práticas educativas?

O objetivo geral do trabalho é analisar formas de trabalhar a linguagem na infância pela alfabetização e letramento e como objetivo específicos é verificar o sentido de linguagem na educação infantil; analisar conceitos da leitura e da escrita dentro do universo escolar e verificar possibilidades de alfabetizar letrando na infância.

A metodologia é uma pesquisa bibliográfica exploratória dentro de artigos, livros, revistas, feito buscas dentro do tema alfabetização e letramento na educação infantil, contando com a colaboração de Faraco (2012), Micotti (2012), Brandão e Rosa (20120, entre outros.

DESENVOLVIMENTO

EDUCAÇÃO INFANTIL E A LINGUAGEM

Silva e Rodrigues (2011) relata que a educação infantil atualmente se orienta por uma função pedagógica que diante des-

se contexto, entende-se que essa etapa da educação básica desempenha papel fundamental no processo de ensino da leitura e da escrita das crianças, pois é um processo de construção de conhecimento inerente à infância, não podendo ser ignorado pela instituição escolar.

Com isso, a educação infantil atualmente é oferecida em creches para as crianças de até 3 anos e, em seguida, em pré-escolas para aquelas de 4 e 5 anos de idade. (SILVA; RODRIGUES, 2011, p. 5).

Nessa perspectiva, Silva e Rodrigues (2011) considera que as contribuições, tanto da creche quanto da pré-escola, ao desenvolvimento da alfabetização e do letramento de seus alunos, são indiscutíveis a atuação do educador infantil de modo a contribuir para a formação de sujeitos que saibam ler e escrever com autonomia, isto é, capazes de fazer o uso competente dessas habilidades de acordo com as demandas sociais.

O dever dos professores já na Educação Infantil em oferecer um espaço de acesso à leitura e escrita, ao ler uma história para as crianças e depois pedir para que desenhe a história que ouviu já estaremos apresentando o mundo da escrita, a criança entenderá a função das letras e alimentará a curiosidade dela quanto ao mundo das letras. Já na educação infantil, oferecer um espaço de acesso à leitura e escrita, para que os pequenos, também possam aprender o que é o mundo escrito (GONTIJO, 2018, p. 11).

Araújo (2017) coloca que a Educação Infantil é a etapa inicial do processo de escolarização em que os primeiros contatos com as diferentes linguagens se dão de modo específico a essa faixa etária, mas sem descuidar das diversas aprendizagens socioculturais que precisam ser favorecidas e ampliadas, de forma contínua e integrada, e que incluem, a linguagem escrita, nos quais há perspectivas quanto ao brincar e ao aprender como ações articuladas na infância, que permitem desfazermos a dicotomia mal colocada entre ler, escrever e brincar na Educação Infantil.

Logo, Araújo (2017) relata que se a linguagem escrita diz respeito às crianças e lhes interessa, se elas aspiram aos conhecimentos que dizem respeito a sua cultura, a questão é, então, refletir sobre como apresentar a linguagem escrita respeitando a cultura da infância, os modos próprios de as crianças aprenderem, propondo situações nas quais ler e escrever tenha sentido para elas, de forma sistemática, planejada e intencional.

Tedeschi (2007) coloca que é fundamental saber como a linguagem oral e escrita se desenvolvem na criança e qual a diferença entre elas, no qual a competência de um professor alfabetizador deve apoiar-se nos conhecimentos da psicolinguística e da formação do sistema de escrita que possui, sendo preciso saber como a criança aprende a ler e a escrever e a tomar as dificuldades como desafio a ser vencido, e isto só será possível a partir do momento em que o professor refletir sobre sua prática e, em consequência, ousar transformá-la.

A leitura e a escrita na educação infantil, a meu ver, deve ser um trabalho que além de desafiador para a criança, seja prazeroso, voltada muito mais para a descoberta da função, da utilidade da linguagem escrita no mundo social do que para a busca de uma escrita correta nesse momento. Acredito ser importante o trabalho de alfabetização caminhar lado a lado com o letramento. É preciso que as crianças entendam que a leitura é comunicação e por isso tem que se buscar o sentido das palavras que substituem objetos ou ações (TEDESCHI, 2007, p. 90).

Assim, Silva (2010) coloca que a interação entre as crianças e o professor proporcionada por atividades de linguagem atende a um dos eixos da Educação Infantil de extrema relevância para a aprendizagem, porque a mesma proporciona momentos de troca de experiências, de culturas e vivências, por isso, a interação é de grande valia, mas, esse processo nem sempre é fácil, podendo haver enfrentamentos e é preciso que o professor adapte sua prática a partir da realidade e necessidades de seus alunos.

Assim, Brasil (2016) coloca que as práticas com a linguagem oral e com a linguagem escrita a serem efetivadas na Educação Infantil, pensadas a partir dessa perspectiva, consideram as interações verbais, tanto na modalidade oral quanto na escrita, como um fenômeno social que ocorre a partir das condições concretas de vida das crianças.

Nesse contexto, letrar é mais que alfabetizar, visto que a alfabetização se desenvolve em um contexto de letramento com o início da aprendizagem da escrita, com o desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais. Alfabetizar letrando é ensinar a ler e escrever o mundo, ou seja, no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, tendo em vista que a linguagem é um fenômeno social. (SILVA, 2010, p. 41).

Mas, conforme Silva (2010) no chamado modelo tradicional, a escrita é entendida como simples representação da linguagem oral, ou seja, como mera codificação da fala, surgindo o processo de alfabetização escolar a ficar reduzido ao ensino do código alfabético, centrado na mecânica da leitura e da escrita.

Deste modo, Brasil (2016) coloca que isso significa, em outras palavras, reconhecer que as crianças se constituem como seres de linguagem, nas interações que estabelecem com o mundo, no qual uma prática pedagógica pautada nessa perspectiva discursiva de apropriação da linguagem verbal exige não

apenas conhecer os usos que os meninos e as meninas fazem da linguagem oral e da linguagem escrita, dentro e fora das instituições educativas, no seu cotidiano, mas, sobretudo, significa incorporar esses usos no planejamento didático e nas situações de aprendizagem a serem propostas.

Uma prática pedagógica é uma prática social realizada entre sujeitos, constitui-se na e com a linguagem em todas as suas formas verbais, não verbais, multimodais: palavras, contra palavras, ditos, presumidos, silêncios, imagens, gestos e expressões. A partir das escutas, os interlocutores – professoras e crianças – organizam respostas possíveis, conforme as condições que cada contexto enunciativo dispõe e possibilita. É possível e necessário planejar as propostas pedagógicas, pela própria natureza intencional da educação. Entretanto, é no campo das interações, no espaço relacional que se institui em cada ato enunciativo, que são tecidos os sentidos e estabilizados significados partilhados (BRASIL, 2016, p. 20).

Assim, conforme Brasil (2016) não há dúvida de que não é mais possível olhar as produções escritas das crianças sem ver as tentativas de aproximação e de apropriação da linguagem escrita, cabendo à Educação Infantil se valer das contribuições das pesquisas e criar situações significativas de leitura e produção de texto, nas quais as crianças possam escrever de forma espontânea, revelar seus pensamentos e hipóteses e confrontá-los com informações e convenções, em processos interlocutivos, no qual a professora exerce um papel fundamental nesses processos, não apenas por ter domínio da escrita, mas também por poder elaborar perguntas que favoreçam o confronto, que questionem as hipóteses, que façam as crianças pensar.

É na linguagem qe as crianças desenvolvem sua experiência vital, que dão sentido ao seu entorno e a si próprias. (BRASIL, 2016, p. 61).

A LEITURA E A ESCRITA NA ESCOLA

Segundo Santos (2010) a escola é um território em movimento, não um território estático, habitado por diferentes sujeitos que vivenciam ao mesmo tempo semelhantes e diferentes situações, que se produzem e se reproduzem no desenrolar do cotidiano escolar.

Ressalta-se que a escola é uma instituição social, e como tal tem sua função pautada no desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, através da aprendizagem dos conteúdos entendidos como: conhecimentos, habilidades, procedimentos, atitudes e valores. Esse conjunto de conhecimento por sua vez não pode ser trabalhado de forma fragmentada, descontextualizada, mas de maneira contextualizada possibilitando ao educando o desenvolvimento de suas capacidades, o que por sua vez favorece a construção de cidadãos mais participativos no meio em que vivem. (SILVA, 2020, p. 13)

Alfabetizar não é um trabalho simples e fácil, ao contrário, ao se alfabetizar, além de tornar a criança capaz de ler e escrever é preciso também envolvê-la nas práticas sociais da leitura e escrita de modo que aprendam a fazer uso delas. (TEDESCHI, 2007, p. 15).

Assim, conforme Tedeschi (2007) é preciso que o professor alfabetizador domine conhecimentos específicos referentes à construção da escrita e leitura pela criança a fim de que possa efetivamente auxiliá-la neste processo, sendo necessário que ele tenha, antes de tudo, o domínio do conceito de alfabetização e de letramento, que saiba diferenciá-los e que consiga garantir as especificidades de cada um dentro do processo de aprendizagem.

Com frequência o termo alfabetização, conforme Tedeschi (2007) é relacionado ao domínio dos procedimentos de leitura e escrita, podendo definir alfabetização como um processo pelo qual as pessoas aprendem a ler e escrever e o letramento refere-se ao uso da leitura e da escrita nas práticas sociais cotidianas.

Assim, conforme Tedeschi (2007) ao se pensar que o aprendizado da leitura e da escrita se estende para além do domínio desse código, sendo essas habilidades (ler e escrever), utilizadas nas diversas práticas sociais vividas pela criança e que o sujeito que aprende a ler e escrever aprende também a fazer uso desse conhecimento, percebo uma extensão do conceito de alfabetização em direção ao conceito do letramento, daí então, faz-se necessário dizer que, embora sejam conceitos relacionados, não se deve fundí-los em um só, mas cada um dos conceitos deve ter suas especificidades garantidas dentro do processo de ensino aprendizagem.

É comum o entendimento do papel da escola, no que se refere ao aprendizado da leitura e escrita, limitar-se à alfabetização, no entanto, sabemos que só o domínio do sistema alfabético de escrita não garante a total inserção da criança no mundo letrado. É preciso ir além do domínio do código escrito, é preciso que a criança conheça as diferentes formas de discurso escrito, como se estruturam, como e quando são usados. É preciso que ela se utilize amplamente da leitura e da escrita no cotidiano e isto vai muito além do escrever ou ler algumas palavras ou frases simples. (TEDESCHI, 2007, p. 27).

Deste modo, Tedeschi (2007) coloca que o aprendizado da escrita demanda, por parte da criança, uma reflexão sobre todos os aspectos que envolvem o processo desde o conhecimento das letras e a consciência das sílabas até a compreensão dos significados das marcas ou sinais que segmentam as

orações.

Luciano (2013) coloca que alguns autores dizem que ao relacionar a alfabetização apenas ao ler e escrever, dando ênfase somente ao processo codificação e decodificação, desconsidera-se de que a alfabetização tem que ser vista de modo contínuo e evolutivo, isto é, a aprendizagem e o uso social do ler e escrever vão se desenvolvendo com o tempo, por isso torna-se desnecessário o uso do termo letramento.

Silva (2011) coloca que a alfabetização pode ser entendida, então, como a aprendizagem da leitura e da escrita, ela refere-se ao processo de apropriação e compreensão do sistema de escrita que leva o aluno a ler e a escrever com autonomia, no qual o letramento, por sua vez, refere-se à aprendizagem dos usos sociais das atividades de leitura e escrita, quando assim for exigido em determinadas situações, de modo a atender às necessidades demandadas por elas.

Como a escrita é uma prática sociocultural, incluir nesse brincar elementos da cultura escrita permite aprendizagens sobre as interações comunicativas por meio da escrita. Ao brincarem de casinha, hospital, mercado, as crianças remetem-se a situações do dia a dia em que a escrita se apresenta, como ler um livro ou jornal, tomar nota, preencher fichas, cheques, podem listar, consultar lista de compras, identificar rótulos, passar uma receita médica, apropriando-se dos usos, funções e características das práticas e dos gêneros discursivos envolvidos. (ARAÚJO, 2017, p. 357).

Silva (2011) relata que as atividades de alfabetização e letramento, portanto, diferenciam-se, mas devem se desenvolver de forma integrada, ou seja, o desenvolvimento desses processos se dá por meio de atividades específicas referentes a cada um deles, mas que estejam intimamente vinculados de modo que uma complementa o outro.

De alguma forma, Silva (2011) coloca que em nossa sociedade que é permeada pela escrita, essas duas atividades fazem parte do contexto de muitas crianças que convivem, em maior ou menor grau, dependendo de seu meio social, com atividades e material de leitura e escrita e com a convivência, tanto a alfabetização quanto o letramento, são construídos e desenvolvidos antes mesmo de chegarem às instituições de educação infantil.

Assim, mesmo não exercitando uma técnica específica de aprendizagem, em seu meio social e cultural as crianças convivem com material escrito e vivenciam experiências de uso da escrita nos mais variados contextos. Com isso, favorecem a construção do conhecimento em torno do código oral e escrito e o seu uso nas diversas ações cotidianas (SILVA, 2011, p. 8).

Assim, Silva (2011) coloca que esse contato com a leitura e a escrita, bem como a oportunidade que as crianças têm de vivenciar as suas utilidades e funções nos diversos meios onde se inserem, constitui eventos de letramento, no qual favorece o desenvolvimento das habilidades relativas a esse processo, considerando-se não apenas a experiência e o contato com material de leitura e escrita, mas também a mediação entre esses e as crianças.

Faraco (2012) coloca que a criança começa entender as enunciações da sua língua antes de começar a falar, sendo a produção verbal no início constituído de enunciado de um elemento, passando a produzir enunciado com dois constituintes, chegando uma fase de produzir três elementos até chegar ao momento, através dos procedimentos cognitivos que ela começa a produzir todos os elementos, mais ou menos por volta dos dois anos.

Gontijo (2018) coloca que quando o aluno não possui o alicerce para alfabetização, que é esse processo de preparar a criança para ser alfabetizada de apresentá-la para esse mundo letrado, pode ser que este aluno futuramente tenha dificuldades em aprender a ler e escrever de ser alfabetizado, o que muitas vezes mesmo com essa dificuldade eles conseguem ler e escrever e outras vezes precisam do apoio de alguém para ajudá-lo de uma professora de apoio/reforço.

Mas, conforme Gontijo (2018) a criança que possui esse alicerce, que já teve o contato com a letra ou mesmo que alguém tenha lido uma história para ela ou que lhe foi apresentado um livro e ela o leu do seu jeito, ou seja, uma criança que já é familiarizada com as letras que de uma forma lúdica conheceu as vogais ela terá mais facilidade em aprender a ler e escrever.

Tedeschi (2007) coloca que o professor adquire esse conhecimento principalmente no cotidiano de seu trabalho enfrentando as dificuldades surgidas, mas esse conhecimento já se manifesta, uma vez que foi adquirido de suas experiências escolares anteriores, na relação com seus professores e retrata a imagem do ensino que restou da sua vivência de estudante.

ALFABETIZAR E LETRAR A CRIANÇA NA INFÂNCIA

Facchini (2014) considera que em uma sociedade letrada e produtora de escritas, deveria ser natural pensar a leitura e a escrita como integrantes do cotidiano da criança desde seus primeiros meses de vida, pois embora não saibam ler, no sentido estrito da palavra, as crianças podem mergulhar no universo da literatura e interagir com a leitura por intermédio de seus familiares, cuidadores e professores.

Facchini (2014) considera necessário que as escolas de educação infantil assumam o papel de mediadoras entre a criança e a cultura escrita, cientes de que seu trabalho pode promover, resgatar ou ampliar o desejo pela leitura e auxiliar na formação de sujeitos efetivamente leitores/escritores.

A tomada de consciência da importância do texto escrito na escolarização, tanto para a aprendizagem da língua como para outras aprendizagens na escola, é tão fundamental quanto a importância que o texto escrito adquire nas sociedades tecnologizadas. Assim, a incapacidade ou a dificuldade nos processos de leitura torna-se uma das maiores causas da crise educacional vivenciadas neste momento histórico. (FACCHINI, 2014, p. 4).

Deste modo, conforme Brasil (2016) desde bem pequenas, muitas delas têm acesso a jogos, histórias, informações pela mídia digital, no qual é importante considerar que esses bens culturais nem sempre estão disponíveis para todas as crianças, sendo, inclusive, mais um fator de segregação, sendo as mídias digitais que têm provocado formas de ler específicas que exigem das crianças leituras simultâneas de imagens, ícones, letras, sons.

Brasil (2016) considera que essas leituras estão ainda muito periféricas ou distantes da própria escola, mas próximas de algumas crianças que começam a estabelecer relações complexas seja acionando ícones para abrir janelas, iniciar ou finalizar jogos, vídeos e histórias, seja observando palavras, mapas, legendas para atingir finalidades inerentes, principalmente, aos jogos, nos quais poucas são as pesquisas que discutem essas leituras infantis e de que forma elas estão contribuindo para que as crianças se aproximem de outras leituras da cultura do escrito.

Daí decorre a questão em relação à experiência do encontro com as crianças, dos movimentos de deslocamentos necessários ao ato educativo e abertura da professora ao inédito, sua resposta como continuidade dos movimentos das crianças. (BRASIL, 2016).

Sendo assim, Silva (2010) coloca que para isso, é preciso investir num desenvolvimento interativo, criativo e lúdico, incluindo a habilidade de aprender a ouvir opiniões diferentes e a contra-argumentar, estabelecendo comparações objetivas entre textos diferentes e as diversas maneiras de utilizar a escrita socialmente, sendo necessário também favorecer a troca de experiências, tendo em vista o desenvolvimento de valores como cooperação e reciprocidade.

Nesta perspectiva, Silva (2010) coloca que a organização espaço temporal nas instituições de ensino, torna-se relevante, pois este ambiente é exatamente propício para as crianças vivenciarem momentos de situações livres em que podem expressar seus sentimentos e emoções, por meio de brincadeiras, jogos educativos, imitações, no qual o educador deve estar atento às suas atitudes e aos papéis que cada um assume.

Desta forma, é importante que as apropriações dos saberes por meio de práticas pedagógicas priorizem atividades significativas e lúdicas, permitindo que as crianças tragam suas experiências e seus conhecimentos espontâneos. A partir daí, o professor passa orientá-las na compreensão das formas de pensar, sentir e agir, estabelecidas em sua cultura e proporcionadas pelo ambiente escolar como um todo. (SILVA, 2010, p. 13).

Silva (2010) considera que para maior riqueza de aproveitamento e sucesso do processo ensino aprendizagem, as escolas precisam estar atentas para que essa passagem da pré-escola para o 1º ano não se torne uma ruptura e acabe influenciando negativamente no processo de alfabetização, sendo uma grande importância de a escola atender as necessidades básicas dos alunos.

A criança que hoje frequenta as salas de aula de alfabetização na educação infantil, é um sujeito ativo, curioso, que interage com o mundo a sua volta e que exige cada vez mais do professor um conhecimento especializado. E este deverá ser capaz de trazer para sua prática em sala de aula, as teorias estudadas em sua formação e utilizar-se delas no desenvolvimento do seu trabalho. Isso implica em que ele seja capaz de estabelecer relações entre a teoria aprendida e a forma como ensina, sua pertinência e relevância no trabalho junto aos seus alunos. (TEDESCHI, 2007, p. 126).

Tedeschi (2007) relata que muito se fala sobre alfabetizar ou não a criança em idade pré-escolar, mas de acordo com a modernização da sociedade e o desenfreado avanço dos meios de comunicação, desde os primeiros anos de vida elas já estão expostas não somente como espectadoras, mas como usuárias de toda essa tecnologia existente.

A formação do professor alfabetizador, conforme Tedeschi (2007), deve estar voltada para o saber, saber fazer e saber explicar o que faz e porque faz, assim, apesar de todo avanço nas discussões e dos esforços dos profissionais da educação infantil, para melhorar sua prática, ainda são grandes os desafios para garantir a qualidade desta educação.

Luciano (2013) considera que o alfabetizar letrando não deve ser visto como um novo método de alfabetização, que vai revolucionar na forma de encaminhar às crianças na aquisição da leitura e da escrita, mas sim na ressignificação do sentido da alfabetização, fazendo com que esta não seja vista apenas como um processo de codificação e decodificação mecânica, e sim como um meio de levar a criança a conviver e descobrir, inte-

ragir e aprender, apropriar e usar as práticas reais de leitura e escrita, tornando-as significativas em seus processos de aprendizagem.

Dessa forma, Luciano (2013) relata que é preciso que o professor tenha antes de tudo, propriedade do conceito de alfabetização e de letramento, que saiba distingui-los e que consiga garantir as especificidades de cada um dentro do processo de ensino-aprendizagem nos quais sua ação não seja apenas a aderência ou a fuga de uma moda, mas sim uma ação consciente e reflexiva daquilo que está adotando como prática profissional.

É importante sublinhar, no entanto, que, no contexto desse convívio e aprendizagem significativa da linguagem escrita, as crianças indagam também sobre os seus signos e o seu funcionamento, fazendo hipóteses e avançando em suas construções e aproximações sucessivas em relação ao sistema de notação – instrumento cultural importante para ampliar a participação na cultura letrada. (ARAUJO, 2017, p. 350).

Situações de faz de conta nas brincadeiras entre as crianças podem se constituir, igualmente, como eventos de letramento. (ARAUJO, 2017, p. 355).

Deste modo, conforme Araújo (2017), por meio da brincadeira, da imaginação, do faz de conta, as crianças se colocam adiante, apropriando-se de elementos que são observados em situações diversas envolvendo a cultura mais ampla da qual participam.

Brincando, as crianças encenam o mundo que vivenciam em casa, na rua, na escola, nos espaços em que transitam na cidade, como lojas, clínicas, supermercados, incorporando ações, instrumentos e materiais que compõem esses espaços, recriando situações que neles ocorrem. Quando disponibilizados, esses materiais entram, naturalmente, na brincadeira. (ARAÚJO, 2017, p. 355).

Tedeschi (2007) coloca que as crianças são curiosas, querem saber, já vêm para a escola com uma carga de conhecimentos prévios, de hipóteses sobre a leitura e escrita que veem no mundo.

Logo, conforme Araújo (2017) as ocorrências desse faz de conta que lê e que escreve, evidentemente, decorrem das experiências que as crianças têm com essas práticas, ao observar os adultos lendo e escrevendo, comentando sobre a escrita ou lendo para elas, ou seja, quando o adulto lê histórias para as crianças, por exemplo, uma prática frequente, e importante situação de letramento literário, além de estar apresentando-lhes o universo literário, possibilitando-lhes a constituição de um repertório e instigando-lhes a curiosidade em relação aos livros e ao que eles trazem, essa situação também favorece a apropriação de características do discurso escrito, do objeto livro e de atitudes e procedimentos ligados à leitura.

Assim, Araújo (2017) relata que seja no brincar de ler e escrever que ocorre nas interações com seus pares ou com os adultos, seja na brincadeira simbólica entre as crianças, esse faz de conta torna-se fator de letramento, configurando situações de interpretação, compreensão e recriação do mundo vivido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que alfabetizar na infância não significa tratar isso como algo forçado na linguagem da criança, mas algo prazeroso, que ocorre através das brincadeiras, por desenhos, pela escuta de histórias, entre outros. A linguagem é fundamental para comunicação, já faz parte do aprendizado da criança desde que nasce, com a linguagem oral, depois a criança começa conciliar a fala com a escrita.

O desenvolvimento da alfabetização e do letramento dos alunos, tanto da creche quanto da pré-escola, deve contribuir para a formação de sujeitos que saibam ler e escrever com autonomia, isto é, capazes de fazer o uso competente dessas habilidades de acordo com as demandas sociais. O dever dos professores já na Educação Infantil em oferecer um espaço de acesso a leitura e escrita, ao ler uma história para as crianças e depois pedir para que desenhe a história que ouviu, já está sendo apresentado o mundo da escrita, a criança entenderá a função das letras e alimentará a curiosidade dela quanto ao mundo das letras. Já na educação infantil, oferecer um espaço de acesso à leitura e escrita, para que os pequenos, também possam aprender o que é o mundo escrito.

A Educação Infantil é a etapa inicial do processo de escolarização em que os primeiros contatos com as diferentes linguagens se dão de modo específico a essa faixa etária, mas sem descuidar das diversas aprendizagens socioculturais que precisam ser favorecidas e ampliadas, de forma contínua e integrada, e que incluem, a linguagem escrita, nos quais há perspectivas quanto ao brincar e ao aprender como ações articuladas na infância, que permitem desfazermos a dicotomia mal colocada entre ler, escrever e brincar na Educação Infantil.

A leitura e a escrita na educação infantil, deve ser um trabalho que além de desafiador para a criança, seja prazeroso, voltada muito mais para a descoberta da função, da utilidade da linguagem escrita no mundo social do que para a busca de uma escrita correta nesse momento, ou seja, letrar é mais que alfabetizar, visto que a alfabetização se desenvolve em um contexto de letramento com o início da aprendizagem da escrita, com o desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Liane Castro de. Ler, escrever e brincar na educação infantil: uma dicotomia mal colocada. Revista Contemporânea de Educação, vol. 12, 2017.

BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi & ROSA, Ester Calland de Sousa (orgs.). Ler e escrever na educação infantil. Discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2011.

BRASIL. Crianças como leitoras e autoras / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. - 1.ed.- Brasília: MEC /SEB, 2016.

FARACO, Carlos A. Linguagem escrita e alfabetização. São Paulo: Contexto, 2012.

FACCHINI, Luciana. O letramento na perspectiva das crianças da educação infantil. Feevale, 2014.

LUCIANO, Hélio José. EDUCAÇÃO INFANTIL: letramento ou alfabetização?

Eis a questão. Educere, 2013.

MICOTTI, Maria C. de O. Alfabetização: propostas e práticas. São Paulo: Contexto, 2012.

SANTOS, Giselle Mendes dos. O Processo de Alfabetização na Educação Infantil: Percursos de uma Professora-Pesquisadora. São Gonçalo: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, Letícia Aparecida de Oliveira; RODRIGUES, Renata Rena. Letramento e alfabetização na educação infantil: concepções e práticas de educadoras do pré-escolar de ouro preto-MG. Revista Brasileira de Economia Doméstica, Viçosa, v. 22, n.1, p. 25-45, 2011.

TEDESCHI, Jane Mary de Paula Pinheiro. A Professora de Educação Infantil e a Alfabetização: Relação Entre a Teoria e a Prática. Campo Grande – MS: Universidade Católica Dom Bosco, 2007.